



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## *Breaking News #14*

OUTUBRO DE 2017

---

# A Diplomacia na Construção do Brasil

## Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

**[www.cebri.org](http://www.cebri.org)**

---

**EXPEDIENTE** Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Superintendente de Projetos: **Renata Dalaqua** | Coordenadora de Projetos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Sabino** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Assistente de Projetos: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Trainee de Comunicação: **Clarice Perrot Cardoso** | Estagiários: **Ana Vibranovski, Evandro Osuna, Gabriel Torres, Luiz Gustavo Carlos, Mauricio Alves** | Voluntários: **Danielle Caroline Batista da Silva, Mariana Panero, Nathália Diniz** | Consultores de Projetos: **Carla Duarte, Nathan Klabin, Suzana Green Haddad** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br) - [www.cebri.org](http://www.cebri.org)

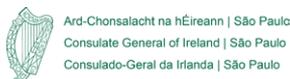
MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



Nesta edição, o CEBRI *Breaking News* relata o evento “A Diplomacia na Construção do Brasil”, lançamento do livro homônimo de Rubens Ricupero, realizado no dia 20 de outubro, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o autor e ilustres convidados abordaram a grande contribuição da obra para o estudo da diplomacia brasileira, destacando sua conexão com a história política e econômica nacional.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao Embaixador Rubens Ricupero, bem como ao Professor e ex-Ministro Celso Lafer e ao Embaixador Marcos Castrioto de Azambuja, que introduziram a fala do autor. Agradecemos, ainda, ao público e aos conselheiros do CEBRI presentes na ocasião, bem como à Academia Brasileira de Letras pelo apoio na realização desse evento.

OUTUBRO DE 2017

---

# **A Diplomacia na Construção do Brasil**

A inexistência de um livro que abordasse a diplomacia brasileira em sua conexão com a história política e econômica do país foi o que levou o Embaixador Rubens Ricupero a escrever *A Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)*. Segundo ele, os principais livros sobre história geral brasileira atribuíram papel secundário à diplomacia – frequentemente reduzindo-a a notas de rodapé e desassociando-a dos desenvolvimentos políticos e econômicos do país. De modo semelhante, os livros consagrados sobre a política externa brasileira, como a *História diplomática do Brasil*, de Carlos Delgado de Carvalho, não situam sistematicamente as relações externas do país no contexto da experiência histórica nacional.

Frente a essa constatação, Ricupero buscou, em sua obra, caracterizar a diplomacia como “fio inseparável da trama da história nacional”, analisando a política externa brasileira (e, inicialmente, portuguesa) desde o período colonial até os governos mais recentes da Nova República. A partir desse esforço analítico, o autor apresenta uma visão do Brasil como nação territorialmente satisfeita, não-intervencionista e obediente às normas do direito internacional. Sobre esse trabalho, o Embaixador Marcos Azambuja afirma: “não tínhamos até agora nada com essa abrangência e qualidade”.

### **O caráter híbrido da obra: análise histórica e registro pessoal**

O Tratado de Madri de 1750 é o ponto de partida da análise de Ricupero, a qual reconhece a relevância do período colonial na definição do território brasileiro. A partir daí, o livro reconstrói os principais capítulos da política exterior brasileira nos últimos séculos: os tratados desiguais com a Grã-Bretanha, a tardia abolição do tráfico de escravos, os conflitos no Prata, a Política Externa Independente de San Tiago Dantas, a política exterior dos governos militares e a diplomacia liberalizante pós-redemocratização.

Para Celso Lafer, a obra expõe o domínio de Ricupero tanto sobre questões tradicionais da história da diplomacia nacional quanto sobre temas contemporâneos, “como globalização, comércio internacional, multilateralismo e armas nucleares”. Ainda, Lafer exalta o “empenho de objetividade” com o qual Ricupero examina a condução da política externa nas últimas décadas, examinando de forma objetiva as circunstâncias e os resultados da diplomacia brasileira sob os governos de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Outro mérito da obra, para Lafer, diz respeito à “esclarecedora distinção” de dois eixos da atuação diplomática brasileira. O primeiro deles

se refere às relações simétricas com países de poder comparável ao do Brasil; como os seus vizinhos latino-americanos, com os quais Ricupero estabelece análises comparativas. O outro eixo compreende as relações de assimetria e desigualdade, envolvendo o Brasil e as grandes potências hegemônicas; como a Grã-Bretanha no século XIX e os EUA no século XX. Essa distinção, em conjunto com a análise sobre as múltiplas dimensões do poder – abrangendo conceitos como *hard power*, *soft power* e *smart power* – representa uma grande contribuição à “teoria das relações internacionais e aos desafios da estratificação da ordem mundial, a partir de uma perspectiva brasileira”, diz Lafer.

Além de constituir material de suma utilidade para estudantes e professores de relações internacionais e das ciências sociais em geral, *A Diplomacia na Construção do Brasil* constituiu uma espécie de registro pessoal, ao incorporar a vasta experiência do autor junto ao Itamaraty. Diplomata de carreira desde 1961, Ricupero testemunhou alguns dos episódios mais relevantes da política externa brasileira no século XX. Esteve presente quando Kennedy visitou João Goulart em 1962; assessorou Tancredo Neves durante tentativas de renegociação da dívida externa; concluiu a implementação do Plano Real como Ministro da Fazenda em 1994. “Eu fui, sobretudo, um observador que acompanhava e narrava os acontecimentos”, avalia o autor. “Escrever este livro foi quase um exame de consciência antes de adormecer (...), recolhendo experiências e reflexões de uma existência”.

Na visão de Celso Lafer, o livro “se beneficia da experiência de quem viveu as possibilidades e os limites da atuação diplomática”. O professor destaca, ainda, a “sensibilidade histórica no trato das relações internacionais” como marco organizador da obra, reconhecendo o “agudo discernimento” com o qual Ricupero analisa “o movimento da pauta de nossa história diplomática na trama das agendas da história política e econômica nacional”.

## Construindo uma visão do Brasil através da diplomacia

Ao longo da trajetória da história diplomática brasileira, Ricupero identifica a centralidade do processo de construção de uma “ideia do Brasil”, levado a cabo por sucessivas gerações de diplomatas comprometidos com determinados princípios e valores. Nesse

### CONTEÚDO RECOMENDADO

## Resenha de Paulo Roberto de Almeida

Segundo o Diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais da Fundação Alexandre de Gusmão (IPRI/FUNAG), *A Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)* já nasce um clássico.

### História da diplomacia do Brasil tem novo livro definitivo



<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral/historia-da-diplomacia-no-brasil-tem-novo-livro-definitivo.70002030739>

processo, o Barão do Rio Branco se destaca como o principal promotor de uma identidade nacional. Partindo da tradição do liberalismo jurídico do Segundo Reinado, o Barão fundamenta sua visão em elementos como moderação, pacifismo e respeito ao direito internacional – consolidando-se como símbolo nacional e “*institution builder*”, sustenta Lafer.

Ricupero lembra que Gilberto Freyre, no livro *Ordem e Progresso*, já se referia ao papel de destaque desempenhado pelo Itamaraty sob a liderança do Barão. Para Freyre, o Itamaraty havia deixado de ser uma chancelaria típica para se transformar em algo mais, uma espécie de Ministério de Educação e Cultura ou Ministério de Informação e Propaganda, desenvolvendo um “sistema de organização e definição de valores superiormente nacionais”.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

### Resenha de Matias Spektor

Senior Fellow do CEBRI, colunista da Folha de São Paulo e Professor da FGV, Matias Spektor analisa o caráter híbrido do livro de Ricupero.

#### Livro é testemunho vívido do ‘consigliere’ diplomático do Brasil



<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/09/1921799-livro-e-testemunho-vivido-do-consigliere-diplomatico-do-brasil.shtml>

A diplomacia brasileira foi fundamental no processo de construção institucional e discursiva da imagem do Brasil como nação “fiel à paz e às soluções negociadas”, reticente a se envolver em conflitos armados. Nesse sentido, ressalta-se a histórica predileção do Brasil pelos instrumentos do chamado *soft power* – poder suave, brando, ou mesmo cordura –, associados à persuasão, à negociação e ao recurso a arbitragens. Tal característica da nossa diplomacia é, segundo Ricupero, um reflexo da capacidade limitada do país de obter concessões a partir de coação militar ou econômica. “A arma dos fracos é a diplomacia e o direito”, resume o diplomata.

Embaixador nos Estados Unidos entre 1991 e 1993, Ricupero propõe análises comparativas entre a política externa brasileira e estadunidense em diferentes passagens de seu livro. Discorrendo sobre os valores subjacentes às diplomacias desses dois países, o autor aponta um contraste relacionado às questões de guerra e de paz: “embora os americanos gostem de se imaginar como um povo pacífico, desde a Independência, toda geração americana teve a sua própria guerra”. Recorrendo à obra *From Colony to Superpower*, de George Herring, Ricupero assinala que, desde a ideologia do Destino Manifesto, a atuação externa dos EUA é marcada pelo expansionismo, excepcionalismo, unilateralismo e intervencionismo. Notavelmente, em seus capítulos referentes à tradição diplomática norte-americana, o livro de Herring não cita sequer uma vez a palavra “Direito” – pilar central dos pareceres do Conselho de Estado do Império sobre a política exterior brasileira.

Além da ênfase no Direito, a prática diplomática brasileira também se caracteriza pelo

contínuo embasamento na chamada “diplomacia do conhecimento”; da qual o Barão do Rio Branco representou importante expoente. Ricupero destaca que, a partir do preparo, da inteligência e de extraordinária erudição em história, geografia, cartografia e cultura geral, o Barão logrou “assegurar para o Brasil vastas parcelas territoriais e riquezas naturais consideráveis”. Atestando à continuidade dessa tradição, o Embaixador Azambuja chama a atenção para a profícua produção de conhecimento promovida no âmbito do Itamaraty, através de instituições como o Instituto de Pesquisa em Relações Internacionais da Fundação Alexandre de Gusmão (IPRI/FUNAG) e do Curso de Altos Estudos.

## **A tradição de excelência da diplomacia brasileira e a atual realidade política**

O êxito da diplomacia brasileira sob o Barão do Rio Branco, em última instância, contribuiu para a legitimação do próprio regime republicano, inaugurado nas décadas anteriores em meio a crises políticas e econômicas, ao Encilhamento e à Revolução Federalista. Para Ricupero, o então contraste entre a “popularidade extraordinária” do Itamaraty e de demais instituições políticas domésticas persiste até a conjuntura atual. “Em uma realidade política de quarto mundo, tenta florescer uma diplomacia de primeiro mundo”, resume o Embaixador.

Em particular, Ricupero destaca a meritocracia como elemento comum de “todas as instituições brasileiras que se aproximam de nível de excelência”, citando como exemplos atuais os “juizes e procuradores federais” da Operação Lava Jato. Em analogia ao movimento tenentista do início da década de 1920, Ricupero compara estes agentes públicos aos tenentes contrários à corrupção perpetrada por coronéis e generais, símbolos de um sistema político obsoleto. Para o autor, embora o país já tenha experimentado profundas crises políticas e econômicas no passado, é a primeira vez em que isso ocorre logo após um “momento de bonança” e de percepção generalizada de sucesso, marcado por três grandes conquistas: a obtenção do grau de investimento em 2008 (perdido em 2015), a escolha do país como sede para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016.

Para Ricupero, as bases daquele momento exitoso do país se revelaram frágeis e insustentáveis, prejudicadas por erros na política econômica e pela perpetuação de um

### **CONTEÚDO RECOMENDADO**

## **Entrevista de Ricupero ao Programa Roda Viva**

O Roda Viva recebe o Embaixador, Ex-Ministro da Fazenda e Professor de Relações Internacionais da Fundação Álvares Penteado (FAAP), Rubens Ricupero, para falar sobre o momento político e econômico que o país atravessa.

### **Roda Viva | Rubens Ricupero**



<https://www.youtube.com/watch?v=f7JGDD2POT0>

sistema político “incapaz de se auto-reformar”. Lembrando a duração relativamente curta dos sistemas políticos vigentes desde a proclamação da República – em que os 41 anos da Primeira República se destacam como o período mais longo – Ricupero reflete sobre a sustentabilidade do sistema atual, que completa 32 anos sem oferecer sinais claros de possuir “qualidades superiores aos que o precederam”. Face a essa constatação, o Embaixador propõe que os anos que nos separam do bicentenário da Independência, em 2022, sejam aproveitados para “melhorar o país a partir de metas concretas e quantitativas”.

Assim, embora o autor lamente que a longa trajetória narrada em sua obra “acabe mal”, sem oferecer um “final feliz”, Ricupero apresenta uma nota final de otimismo. Segundo ele, “o indivíduo vítima de certas desgraças muitas vezes não se recupera nunca, somente a morte o liberta da dor da perda, da humilhação, da memória obsessiva da tortura. O povo não (...); na massa do povo, as catástrofes se compensam com alegrias, as derrotas com vitórias, os lutos com os nascimentos e, como gerações incessantemente se renovam, a esperança ganha todas as partidas”.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

## Discurso de Celso Lafer

Leia na íntegra o discurso do ex-Ministro Celso Lafer durante o lançamento de *A Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)*, na Academia Brasileira de Letras.

### Celso Lafer | Discurso



[http://midias.cebri.org/arquivo/Discurso\\_Celso\\_Lafer.pdf](http://midias.cebri.org/arquivo/Discurso_Celso_Lafer.pdf)

“

O livro é oportuno, bem-vindo e chega em um momento internacional em que uma ordem se desconstrói e não vejo uma nova surgindo com clareza.”

- Marcos Azambuja

“

A *Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)* é um livro de fôlego (...). Lastreia-se numa informação abrangente e se beneficia, no correr da interação das suas partes, da experiência de quem viveu as possibilidades e os limites da atuação diplomática.”

- Celso Lafer

“

Muitos livros diplomáticos falavam da política externa como se ela ocorresse no vácuo, não havia nenhuma referência aos eventos políticos, sociais, econômicos do país (...). A diplomacia é parte integral da história.”

- Rubens Ricupero



# Biografias

## **Rubens Ricupero**

Conselheiro Emérito do CEBRI, Rubens Ricupero é Decano de Assuntos Institucionais da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e foi Diretor da Faculdade de Economia e Relações Internacionais desta instituição. Foi Secretário-Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) durante quase uma década. Previamente, foi Ministro da Fazenda, Ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal e Assessor Especial do Presidente da República. Serviu como Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, na Itália, nas Nações Unidas em Genebra e chefiou as delegações brasileiras para o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Conferência da ONU sobre Desarmamento. Foi Professor de Teoria das Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB) e Professor de História de Relações Diplomáticas Brasileiras no Instituto Rio Branco. O Embaixador Ricupero recebeu diploma de bacharel em Direito da Universidade de São Paulo (USP).

## **Marcos Azambuja**

Conselheiro Emérito do CEBRI, Marcos Azambuja serviu como Embaixador do Brasil na França e na Argentina, assim como Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos em Genebra. Foi Coordenador da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cúpula da Terra Rio 92). No Ministério das Relações Exteriores, serviu como Secretário-Geral (Vice-Chanceler), tendo previamente atuado em Londres, Cidade do México e Nova York (ONU). Foi membro da Comissão de Armas de Destruição em Massa e do Fórum de Tóquio para a Não proliferação Nuclear e Desarmamento. O Embaixador Azambuja é atualmente membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Fundação Roberto Marinho.

## **Celso Lafer**

Conselheiro Emérito do CEBRI, Celso Lafer serviu como Ministro das Relações Exteriores em duas ocasiões, assim como Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Foi Embaixador do Brasil na ONU e na OMC em Genebra, onde foi Presidente do Órgão de Solução de Controvérsias. Foi também membro do Conselho Executivo da ONU em assuntos relacionados ao desarmamento, indústria e comércio. É Professor Emérito do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), onde foi Professor de Direito Internacional e Filosofia do Direito. Foi até recentemente Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e está atualmente no Conselho de Administração da Klabin. Lafer recebeu diploma de bacharel da Faculdade de Direito da USP e mestrado e PhD em Ciência Política da Universidade de Cornell.

## Conselho Curador do CEBRI

### Presidente

José Pio Borges

### Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

### Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

### Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

### Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

### Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

[www.cebri.org](http://www.cebri.org)